

O POPYRO.

Rio de Janeiro.

PERIÓDICO PURAMENTE LITTERARIO.

REDACTORES: Domenico Zampieri e Licio Druso.—Proprietario Viriato Braziliense.



Publicado duas vezes por semana a 25000 por trimestre, (pagamento adiantado), na rua Belli n.º 36. Aceitam-se e agradecem-se artigos de todos os gêneros, desde que não se restituam os autographos não publicados. Este periódico jamais empreterá polémicas com quem quer que seja. Artigos a pedido.—somente annunciados.—a 1000 réis a linha. N.º avulso 300 réis.

Trimestre I.

Theresina, 23 de Maio de 1874.

Numero I.

O POPYRO.

THERESINA, 23 DE MAIO DE 1874.

Introdução.

(POR D. ZAMPIERI.)

Sabemos o quanto é difficil sustentar-se um periodico nesta provincia, aonde, em geral, ha pouco gosto pela leitura; principalmente se se trata de publicações litterarias—que, infelizmente, entre nós não passam de *fructosivas temporâes*,—típidos ensaios de alguns moços de nobres aspirações, que procurão cultivar, por sem duvida, uma planta exotica, que ainda não se pôde aclimatar entre nós—os paullyenses.

A presente tentativa é ainda um *seu* esforço para ver se se consegue, em, era acuradamente, alguma cultura util,—ao mesmo tempo agradável,—que sirva quando nichos, para fazer, de apparecer essa atonia em que vivemos; offerecendo aos nossos leitores alguns momentos de innocente distracção, quando per ventura não lhes possa dar tambem instrucção, como quizeramos que acontecesse.

Salve pois o *Popyro*, a ver se é mais bem succedido que outros pequenos periodicos litterarios, que tem tido aqui existencia ephemera.

Oxalá que o nosso pobre *Popyro*, que vai hoje aventurar-se á luz da publicidade; pudesse ser—pergaminho illustre—, digno dos sabios e dos homens de letras do nosso paiz!

Vamos, entretanto, com o nosso rude *stylo* começar a traçar toscos caracteres sobre o recente *Popyro* que temos entre mãos; não como outr'ora fizeram os primeiros que se servirão d'esta especie de *papel*, sobre o qual imprimião, ha milhares de annos, seus caracteres symbolicos, que sendo depois traçados sobre o granito dos obeliscos, levárão á posteridade a fama de sua antiga civilisação.

Bem convencidos estamos de que não temos forças para erguer similhantemente—alguma dessas agulhas de pedra, que mostrão, ainda hoje, o progresso que fez o povo gigantesco que edificou Thebas, Memphis, Tentyrá, &c.

Servir-nos-ha pois, unicamente, o humilde *Popyro* para receber as nossas fracas impressões: jamais teremos a vaidade de tentar gravar figuras hieroglyphicas na face de soberbos monolithos!...

Agora, vamos de antemão satisfazer a alguns de

nossos leitores, que poderão nos perguntar o que realmente significa *Popyro*. Para isso faremos o seguinte extracto de parte de um capitulo da Historia Universal de Bredow.

« Conhecia-se desde tempo immemorial n'aquella região (Egypito) um arbusto, com o nome de *Papyrus*, de cuja palavra naturalmente se formou a de *papel*. Era uma especie de canna, cujo amago servia igualmente de pão para a gente pobre. a casca da haste é como a do linho, e serve para fazer cordas como a *guaxima* do Brazil; a raiz contem uma especie de cebola, da qual se tiravam varias capas para fazer o papel, usado n'aquelles tempos. Estas cebolas eram compostas de muitas pelliculas ou tunicas delgadas, que se separavam facilmente umas das outras; estendidas sobre uma meza, iam-se collocando sobrepostas, umas ao comprido e outras ao largo, de maneira que as fibras se cruzassem para dar mais consistencia a este amalagam; athen feito, comprimia-se fortemente para achata-lo, e sobre esta lamina, a que se dá o nome da planta, de que era formada, é que se gravava a escriptura.

« O papel egypcio, como acabamos de descrever, não tinha as mesmas propriedades que o nosso, fabricado de trapos, e cuja existencia apenas alcança a pouco mais de seis séculos. Para aquelle papel não usavam de penna, nem de tinta, nem de lapis, mas tão somente de um ponteiro de metal ou de osso, com uma das extremidades mais aguda, com a qual iam gravando no papel aquillo que queriam escrever. »

Oração.

Senhor! Porque antes não me fizestes um anjo vosso... um archanjo, um seraphim?... Senhor! Porque encerrastes o meu espirito neste acanhado craneo, nesta abobada tão escura, tão mesquinha?... Porque me prendestes a este corpo que é tam vil? Porque me fizestes companheiro da materia viciosa? Ah, meu Deos! Compaixão! Sei que devo respeitar vossos decretos insondaveis; mas sou atormentado pelo desejo incessante de ter para habitação de meu espirito—maior espaço,—o infinito! Oh! não ter a minha alma a formosura de um ser angelico, e não percorrer ella, livremente, esses milhões de estrelas,—como uma borboleta percorre ligeira as flores das veigas, no mez de maio!

Senhor! Compaixão de um quasi verme que se

arrasta aqui, sobre este lôdo que se chama—o mundo! Dai-me azas candidas para poder um dia voar ao vosso seio immenso, onde repouse por toda a eternidade. . . .

Senhor! Ouvi a minha oração.

LIVIO DRUSO.

Meditando. . .

Quando uma sociedade corrompida; quando um povo escravo das paixões,—chega a aborrecer o som dos threnos, detestando os versos e odiando a poesia,—é que essa sociedade envilecida, ou esse povo de coração endurecido, descêo de todo, moralmente fallando, como o mercurio no thermometro, muitos grãos abaixo de zero!

E' que esse povo desordenado, que o egoismo gelou, é reprobado como o de Sião criminosa!

E' que esse povo não duvidaria sacrificar, aos seus interesses materiaes, o proprio Filho da Virgem, que de novo viesse ao mundo!

Oh! desconhecer a nobre linguagem da poesia—é negar o coração, como Pedro negou a Christo!

Escarnecer de um poeta, é, como disse mui bem um elegante escriptor, « é corral-o de espinhos, pôr-lhe nas mãos a canna verde, e depois dizer-lhe, entre apupadas: *Salve, rei dos Judeos!* »

E o que foi o Christo senão o mais terno e o mais inimitavel dos poetas que teem vindo ao mundo?

« Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração! »

Que homem positivo, que homem do seculo, que homem materialista, que falso philosopho—seria capaz de dizer, com tanta doçura, uma cousa que ao menos se pareceisse com aquellas palavras sublimes do Cordeiro sem mancha, do Homem-Deos, do martyr do Golgotha?

Christo, ó Christo! Eu te amo, pela *poesia*, considerando-te como filho unigenito de uma virgem purissima; eu te admiro, pelo *sentimento*, quando commemoro os soffrimentos inauditos que padeceste por nossa causa; eu te adoro, finalmente, pela *religião* de paz e de amor, que infunde os teus preceitos, da mais sã philosophia!

Christo, ó Christo! Faze-me poeta um dia, faze-me vate uma hora, ao menos,—para que assim eu possa, por um instante si quer nesta vida, cingir a corôa que te ensanguentou a cabeça sacrosanta; para que eu possa ver na minha pobre penna—o symbolo da canna verde que te servio de sceptro irrisorio, e, nas palavras dos homens mofadôres que me chamem = poeta, bardo, sonhador = a synonymia d'aquellas com que procurarão escarnecer-te: « *Salve, rei dos Judeos!* »

Christo, ó Christo! Faze-me poeta, faze-me vate; embora as linguas ferinas me fustiguem asperamente como os judeos te açoutarão cruelmente, atado a uma columna; embora finalmente me fação morrer algures no meio de affrontas e ignominias,—como

fizerão-te expirar entre dois ladrões, pregado n'uma cruz alçada nas fragosidades do Calvario!

DOMENICO ZAMPIERI.

Impossivel!

Sabeis vós o que seja esta palavra solemne e fulminante « Impossivel »?

E' o serdes condemnado a um supplicio affrontoso, marchardes ao patibulo infamante, irdes subindo já os degrãos fataes,—e sobre elles cahirdes de joelhos bradando: « Perdão, perdão, que sou innocente! » E no fim de vossa deprecação á justiça da terra, ouvirdes o carrasco dizer com voz tremenda: « Impossivel »!

E' o estardes no leito da morte, quasi agonisando, cercado de mulher e filhos aquem amâes estremeidamente; e pedirdes ao medico, com voz sumida, com lagrimas nos olhos: « Não me deixeis morrer! » E a sciencia dizer-vos pela boca do facultativo: « Impossivel »!

E' o estardes no valle de Josaphat, convocado pela trombeta do anjo, no dia do Juízo final, e, collocado na ala esquerda dos povos resurgidos,—pedirdes, culpado, que se vos não condemne—ao fogo eterno da Gehena,—e ouvirdes uma voz intima, cavernosa, inflexivel, que vos diga por toda a eternidade: « Impossivel, impossivel »!

LIVIO DRUSO.

Aos homens positivos.

De que servem os versos, de que vale a poesia?.. Perguntae tambem ao jasmim, á rosa, á dhalia de que servem suas petalas mimosas; de que vale seu perfume exquisito!

Perguntae aos ventos, de que lhes serve ser as vezes favonio ou zephyro, e que vale o seu « *soprar melindroso* » a enrugar a face de « *liquido crystal!* » Perguntae a gotta de orvalho que pende do filete ou do pedúnculo de uma flor, porque si-mêlha-se a um brilhante!

Perguntae aos passarinhos de que servem seus gorgeios, e que vale a melodia perdida nos bosques!

Perguntae, finalmente, á natureza toda, de que serve essa variedade magnifica; de que vale o mostrar-se ella esplendida aos olhos do homem intelligente! Perguntae; ou se não pedi álguem que vos ensine a ler no grande livro—que está aberto noite e dia nas mãos de Deos!

Oh! bem miseravel seria o destino do homem, se elle só viesse ao mundo para ajuntar dinheiro, admirar o brilho do ouro e ouvir o tinido da prata; devendo logo após morrer, sem poder sequer levar um ceitil do que ajuntou com tanto affan como pobreza de espirito!

D. ZAMPIERI.

Minhas novas affeições.

Deixando a terra e o lódo, aos ceos remontem.
(A. G. Dias.)

Affeições ephemerás, d'esta vida indigna
Que não é benigna—nem sequer nos dias
Da infancia breve que se esvahe ligeira
Como a vil poeira das batidas vias....

Affeições ephemerás, d'este mundo injusto
Onde tanto a custo se conserva a crenga
Que touxera o herço, nas palavras ternas,
Nas lições paternas—que mil bens dispensa!...

Affeições ephemerás, que nos faz volúveis
Como as dissoluveis, salitrosas vagas!
—Ja vos não desejo; pois firmeza tenho
Só no santo lenho,—nas sidéreas plagas!...

Estas sim, eternas!... O hom pai que tive
La eu sei que vive, na mansão celeste,
E com elle—os vates (•) que eu amei na terra,
Pleidade se encerra que de luz se veste!

Alfama, 19 de outubro: 73.

D. ZAMPIERI.

Cancão da mulatinha.

Sou bonita mulatinha,
Sou do collo de *yaid*:
De cabellos caxiados,
Como eu—outra não ha!

Sou bonita mulatinha
Sou netinha da *voró*:
Tenho uns olhos tão brilhantes,
Como eu os tenho só!

Sou bonita mulatinha,
Sou irmã do meu *Lelê*:
Tenho um corpo tão delgado
Como nuvem lá do ceu.

Sou bonita mulatinha,
Sou querida « de você »:
Tenho graças feiticeiras,
Como um beijo que me dê.

Sou bonita mulatinha,
Sou travessa, pois, em fim!
Matarei co' os meus olhares:
Para isso ao mundo vim!

LIVIO DRUSO.

O nectar.

Deixa do calix divino
Uma gotta só libar....
Deixa, é nectar peregrino,
Mel que eu não sei fabricar....
(Garrett: *Folhas caídas*.)

Lá no Olympo os deoses todos
Que as estrelas senhorêo,

—Gonzaga, Casimiro de Abreu, Alvares de Azavedo, D. Beatriz, Delfina da Cunha, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, Castro Alves.

Como diz a myth'logia
Doce nectar saborêo;
Em transportes de alegria
Que os sentidos lisongêo.

Assim crêrão, muitas tribus,
Tres mil annos ha de haver;
Porem hoje só pintores
Este mytho nos faz ver;
Antiquados esculptores,
Ou poeta em seu dizer.

Em vasto triclinio havia
Jantar lauto e sumptuoso;
Estando a mesa repleta
De acepipe saboroso,
Faltava, p'ra ser completa,
Roxo liquor generoso....

Cavalheiros e denzellas
Lyeu velho não querião;
Todos, em vez de falerno,
Pura lymphá apeteção:
Banquete não hodierno,
Pelo modo que bebião!

Entre os illustres convivas
Qual a mais linda, inspirada?
—Uma mui nobre senhora,
Formosa per'la encantada;
Outra não mais seductora,
Nos salões idolatrada!

Esta, sim, a huri altiva,
—Em alvo christal tocou;
Porém d'elle tam somente
Tres gottas d'agua tomou;
Afastando o excedente,
Que risonha me indicou!

N'um delirio, extasiado,
Niveo nectar fui libar,
E quando o mundo suppunha
Na terra a minh'alma estar,
—Aéreo espaço transpunha
Até no Olympo chegar!

E, se não fôra—soberbo—
Ter pisado o solio augusto,
De certo qu'eu lá ficára
Da morte perdido o susto!
—Simple mortal—não voltára
Quem subira tão robusto!...

D. ZAMPIERI.

EXTRACTOS.**A uma poetisa.**

Vi vossas flores, Senhora,
Bem que incultas lhes chamais,
Têm fragancias tão suáves,

Que não vi n'outras iguaes;
São incultas, são singellas,
Mas são vigorosas, são bellas!

Do que serve a flor mimosa
Em uma estufa metida,
E somente á força d'arte
Ir mantendo a fragil vida;
Sem que possa a naturêza
Dar-lhe odôr, dar-lhe belleza?

Se a naturêza, Senhora,
Não socorre ao jardineiro,
Por mais perito que seja
As flores não frazem cheiro:
Essa fragrancia, esse odôr,
Vem do Ceo, vem do Senhor!

Vós porem do Ceo fivestes
O dom sublime, Senhora,
De dar ás flores perfumes,
Como se fosses a Aurora!
Muito pode a vossa Lyra,
Que só do bello se inspira!

Se, qual vós, eu possuísse
Esse dom tão precioso,
Não chorara em desconfôrto,
Nem vivera pesaroso:
Fôra-me os dias risonhos,
Quaes gratos, dourados sonhos!

Passara noites e dias
Produzindo lindas flores,
Dando cor vistosa ás petalas,
Diffundindo-lhes odôres:
Eu vivêra embevecido,
Té de mim proprio esquecido!

As flôres da poesia
São d'essencias sublimadas,
E da mais perfeita origem:
São sempre por Deos fadadas:
Guardai, pois, as vossas flôres,
De perfumes seductores. . . .

A Ilm.^a e Exm.^a Sr.^a D. Luiza Amelia de Queirés Nunes, offerece, esse pequeno e insignificante ramalhete de seu agreste jardim, não para que com elle orne sua elevada frente de Poetisa, como coisa digna de seu subido merecimento, mas como uma pequenina prova do muito que lhe admira e respeita o—

Poeta-Caçador.

Parnahyba 13 de outubro de 1873.

Um soneto de B. Belfina da Cunha (*).

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro o rosto seu mostrado havia
Quando terrivel mal, que já soffria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,
Cresceu a par de mim a magua impia;
Desde então a mortal melancholia
Se viu em meu semblante debuxada!

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna, cruel sempre conmigo,
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem se quer um prazer breve consigo,
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste, sepulchral jazigo!

(*) Esta poetisa, cega, era natural do Rio Grande do Sul; nasceu em 17 de junho de 1791. Ha 47 annos que deixou de existir.

Outro soneto, da mesma.

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus damnos:
Da primavera as galas e os verdores
Não forão para os meus primeiros annos.

Mesmo na infancia exp'rimentei rigores
De meus fados cruéis sempre inhumanos,
Que só me destinarão dissabores,
Meus males revolvendo em seus arcanos.

Sem auxilio da luz, que o sol envia,
Versos dignos de vós fazer não posso;
Desculpae minha ousada phantasia.

Com estes cantos meus, mortaes, adago
A magoa, que o meu estro se resfria;
Se merito lhe dees é todo vosso.

Verdades.

« Genio nas obras de imaginação, razão forte e profunda nas de raciocínio e discussão,—são qualidades que asseguram o bom successo das produções litterarias na posteridade. »

« De duas cousas carece o homem de genio para bem desenvolver o entendimento:— a primeira é prestar grande attenção ao que lê; a segunda examinar imparcialmente os factos, tirando delles razoaveis induções. »

« Virtude, saúde, talento e felicidade—são os fructos da attenção e da paciencia: estas duas qualidades são necessarias em tudo. São ellas os primeiros elementos e fundamentos moraes do nosso procedimento: até o genio, dizia Burrox, d'ellas depende. »

« Bernardin de S. Pierre persuadia-se de que— a desgraça do homem provém unicamente do desprezo dos immutaveis principios das leis naturaes. »

Um casamento á ingleza.

— Lê-se no *Diaria da Bahia*:

A pequena historia que vamos contar poderia ser tomada como *canard*, se fossemos em alguns dos jornaes americanos, que primão em inventar petas. Mas um sisudo periodico inglez e quem a relata, e por isso temos de acreditar-a!

Nos banhos do mar em Scarborough se havião encontrado, se bem que por pouco tempo, um nancebo e uma senhora tambem moça.

Ha pouco passando em Regent-Street um junto do outro, aconteceu que um botão do paletot do cavalheiro fosse metter-se pelas rendas do folho do mantelete da dama.

Voitão-se um para o outro, e reconhecem-se. Cumprimentão-se com grande alegria, e começão a rir, porque o botão não quera desligar-se da renda.

—Vejo que estou singularmente preso á vossa pessoa, diz o gentleman.

—Mas, obtempera a dama, sorrindo, parece-me que é reciprocamente.

—Pois bem, redarguiu elle, pois bem, porque não ficaremos unidos como o acaso parece indicar?

—Ficaremos, contesta prasenteiramente a lady.

—Sois livre?

—Sou.

—Affirmaes isso, interroga ainda o gentleman.

—Terminantemente, replica ella.

—Nesse caso está dito.

—Pois está dito, remata a lady.

No dia immediato davão principio aos preparativos para o matrimonio, e dentro em breve lapso de tempo erão legitimos marido e mulher, indo residir em Portland-place.

Sempre nos parece acertado prevenir ás meninas solteiras, de que não se sobresaltem demaziado quando se sentirem presas pelas franjas ou renhas dos seus manteletes, porque no Brazil não será facil arranjar-se casamentos pela forma narrada no caso succedido em Londres.